

Migrantes da pandemia. A cobertura midiática webjornalística do Sertão piauiense dos que fogem da COVID-19

Orlando Maurício de Carvalho Berti¹

Resumo

Entre os muitos efeitos devastadores da pandemia da COVID-19 no Brasil está o fluxo contra-migratório, notadamente rumo ao Sertão da região Nordeste. Estuda-se a cobertura midiática webjornalística sobre esse fenômeno no Sertão do estado do Piauí. Apresenta-se a tríplice discriminação (por serem atingidos economicamente, serem discriminados midiaticamente e serem responsabilizados por trazer a doença para suas terras natais) dos que fogem dos efeitos da doença do coronavírus nos grandes centros do País. É feito um estudo de caso e de conteúdo objetivando mostrar, refletir, analisar e pontuar o fenômeno em que a culpabilização dos migrantes tem sido muito mais midiaticizada do que propriamente as políticas públicas que podem ajudar a combater essa doença.

Palavras-chave: Migração. Comunicação. COVID-19.

Pandemic migrants. The webjournalistic media coverage of the desert Piauí State of those fleeing COVID-19

Abstract

Among the many devastating effects of the COVID-19 pandemic in Brazil is the counter-migratory flow, notably towards the Desert of the Northeast region. Webjournalistic media coverage of this phenomenon is studied in the Desert of the Piauí's State. There is a triple discrimination (for being economically affected, for being discriminated against by media and for being responsible for bringing the

¹ Professor, pesquisador e extensionista nos cursos de Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (no Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes – em Teresina – PI – e no campus de Picos – PI. Pós-doutor em Comunicação, Região e Cidadania pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Doutor e mestre em Comunicação Social pela UMESP, com estágio doutoral na Universidad de Málaga (Espanha). Desenvolve pesquisas ligadas à tecnologias atuais e fenômenos sociais nordestinos. Atua em projeto de pesquisa sobre a COVID-19 no Piauí financiado pela FAPEPI – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí. E-mail: berti@uespi.br

disease to their homelands) of those who flee the great centers of the effects of the corona virus disease. A case and content study is carried out in order to show, reflect, analyze and punctuate the phenomenon in which the blaming of migrants has been much more mediatized than the public policies that can help to combat this disease.

Keywords: Migration. Communication. COVID-19.

Introdução

Os cantores e compositores Francis Lopes (Francisco Assis de Sousa Lopes) e Frank Aguiar (Francineto Luz de Aguiar), naturais do Piauí, eternizaram em versos, durante as duas últimas décadas do século XX, vários hinos sobre a migração no Nordeste do Brasil. Essas expressões comunicacionais foram a representação das histórias e lutas de milhões de nordestinos, notadamente da região sertaneja (Semiárido). Os versos falam dos que deixaram suas terras natais para tentarem a sorte em empregos e subempregos em cidades maiores “do Sul”. Até o final de 2019, esse contingente era atraído por melhores salários, às vezes por sua primeira carteira de trabalho assinada, e para poder sustentar familiares (geralmente idosos, mulheres e crianças) que ficam à espera de suas subvenções. A maior parte desses migrantes nordestinos atua em labores de lavouras, construção civil ou prestação de serviços formais e informais.

Fazem parte, segundo o IBGE (2010), dos 4.643.754 migrantes registrados no último Censo demográfico. Aproximadamente 2,5% da população nacional (com 24,3 migrantes de todas as regiões a cada grupo de mil habitantes) migrou na primeira década deste século.

Muitos, como os próprios cantores-poetas, citados anteriormente e que eternizaram os versos destacados, foram e voltaram. Uma parte regressou muito melhor do que saiu, em termos sociais e econômicos. Batalharam, lutaram, vivenciaram situações de extrema vulnerabilidade social e venceram por causa do trabalho e estudos. O estado de São Paulo, durante décadas, principalmente a partir dos anos 1950 e até início dos anos 2000 (com forte expansão dos centros urbanos nacionais), representou o oásis da fuga da seca da população sertaneja.

No início de 2020 tudo isso começaria a mudar. Inicialmente São Paulo, depois o Rio de Janeiro, acompanhados por Distrito Federal e Ceará. Explodiram os casos da COVID-19, inclusive com alto índice de falecimentos. A doença, segundo KOPMANS *et al*

(2020), surgiu na cidade de Wuhan (China) no final de 2019, sendo o terceiro tipo de coronavírus a atingir seres humanos este século. Ganhou proporção asiática ainda no final de 2019. No início de 2020 alçou o status pandêmico após atingir, além da Ásia, a Europa, as Américas, a Oceania e a África. A COVID-19 é pandêmica por chegar praticamente ao mesmo tempo em todo o Mundo e ter fácil disseminação. “A doença causada pelo novo coronavírus recebeu a denominação COVID-19, em referência ao tipo de vírus e ao ano de início da epidemia” (CRODA; GARCIA, 2020, p. 1). Em março começou a ter seus primeiros casos no Brasil. E tudo mudaria no País quase que por completo. Em pleno final de 2020 os números continuavam altos e a segunda onda, mais mortal e caótica, era uma realidade, inclusive passando dos 200.000 mortos no Brasil.

Mediante o exposto (e o que foi destacado e refletido) tem-se como objeto da pesquisa o entendimento sobre os migrantes da pandemia, notadamente como os nordestinos sertanejos regressaram do Sudeste e Centro-Oeste do País e foram recepcionados em suas cidades, em especial o Sertão do Piauí durante a primeira onda da doença. O ponto de partida comunicacional é a cobertura webjornalística, a mais presente massivamente nessa parte do País em noticiamentos locais e representatividades regionais.

Problematiza-se a partir de: como ocorre, como se dão e quais as consequências da cobertura midiática webjornalística do Sertão piauiense dos migrantes que fogem da COVID-19? Objetiva-se entender, refletir e analisar o fenômeno à luz das reflexões de questões migratórias, comunicacionais, sociais e webjornalísticas.

Metodologicamente é feito um estudo de caso, balizado em Robert K. Yin (2005), bem como um acompanhamento sistematizado, entre 1º de janeiro e 10 de maio de 2020 (marcos temporais do estudo), dos 192 sites noticiosos do Sertão do Piauí que, entre suas tarefas de mediação informacional cotidiana, tiveram a oportunidade de fazerem a cobertura do retorno dos migrantes por causa da pandemia de COVID-19.

Para fins de melhor leitura e compreensão deste artigo ele é dividido em três partes. A primeira, “*E veio a pandemia. A volta dos que foram à força*”, de identificação do objeto e de fundamentação teórica, trata sobre fluxos migratórios, migrações, o fenômeno da pandemia da COVID-19 e o contrafluxo de migrações dos grandes centros para o Sertão Nordestino. A segunda, “*E como falaram webjornalisticamente da pandemia e dos migrantes no Sertão do Piauí*”, apresenta o *corpus* da pesquisa, trazendo dados da cobertura midiática do contrafluxo de migrantes que fugiram da COVID-19 dos grandes

centros brasileiros. Este capítulo também trata, via análise de conteúdo, do que foi apresentado sobre as reflexões de como a mídia, notadamente a webjornalística, destacou esses fatos na região sertaneja piauiense. A terceira, e última parte, “*A tríplice discriminação, inclusive midiática, dos migrantes da pandemia*”, é de caráter analítico e enfatiza sobre como esses migrantes são discriminados e padecem, em triplo, ao voltar para suas terras. São midiática e socialmente condenados, tiveram de deixar às pressas as terras de seus sonhos e, mais ainda, eram vistos como potenciais transmissores e disseminadores da pandemia para as terras sertanejas. É feito também uma reflexão midiática jornalística sobre essa situação.

É papel premente da Academia analisar pontos nevrálgicos e atuais em suas diversas interfaces. Tenta-se, neste artigo, fazê-los e refleti-los, notadamente no sentido de quem escreve este material, que tem lugar de fala, balizando em Djamila Ribeiro (2019), sobre vivências de migração, inclusive do Sertão do Nordeste para o Sudeste e também em migrações regionais do estado.

A pandemia promoveu um fluxo migratório contrário aos registrados durante o século XX e início do século XXI. Com as grandes regiões receptoras de migrantes atingidas violentamente pela doença, bem como as consequências econômicas, que pulverizou empregos, atingindo em massa a população socialmente vulnerável, uma parte dos migrantes que antes fez o percurso Nordeste-Sudeste e Nordeste-Centro-Oeste, desde março de 2020, faz o caminho contrário. Os migrantes continuam se submetendo, em grande maioria, ao transporte clandestino, via estradas secundárias, driblando as fiscalizações e parte das barreiras sanitárias montadas para impedir a disseminação da doença entre estados.

O retorno dos que foram tentar a vida nos grandes centros gera um fenômeno migratório ímpar e uma onda de desrespeito, inclusive midiático, levando à cabo que a transmissão da pandemia para a área do Sertão foi ocasionada pelos migrantes.

1 – E veio a pandemia. A volta dos que foram à força

Os fluxos migratórios entre o Nordeste, enviando, e o Sudeste e o Centro-Oeste, recebendo, são quase centenários no Brasil. Durante décadas, notadamente no século XX, as migrações foram vivenciadas por sertanejos, em sua maioria com pouca formação escolar e fugitivos dos efeitos climáticos e sociais de seca e miséria na região.

Cidades e, notadamente regiões metropolitanas, de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Campinas (SP), Ribeirão Preto (SP), Brasília (DF) e Goiânia (GO) foram os maiores centros de recebimento de sertanejos. Muito do que foi construído, plantado e servido nas mesas dessas regiões foram à base do trabalho daqueles migrantes. Essas áreas do País mostraram-se também como terras de oportunidade para formação, evolução e sedimentação de famílias e comunidades regionalizadas nas novas terras, promovendo contemporaneamente até quintas gerações de migrantes. A maioria das gerações posteriores ascendeu econômica e socialmente.

Cabe destacar a escolha do termo Sertão em vez de Semiárido (que será apresentado algumas vezes para destacar região). O termo Sertão é mais presente por envolver não só questões geográficas, mas também perspectivas sociais e culturais, como apregoa Mylene Teixeira (2016).

A migração é um fenômeno mundial, envolvendo fluxos externos e internos. O próprio Brasil, desde o século XIX, é fruto de migrações, recebendo pessoas de países de quase todos os cantos do planeta. Entre esses acolhimentos, passou, a partir do meio do século XX, concentrar fluxos internos, principalmente de pessoas oriundas de lugares mais pobres para centros mais economicamente abastados.

O sonho de uma vida melhor é o maior impulsionador da migração, um fenômeno bem premente no Brasil, ao contrário de outros lugares do Mundo, em que migrantes fogem dos lares por motivos bélicos, de perseguições políticas e/ou religiosas. Concorde-se com Amélia Luisa Damiani (2002) em que a migração necessita ser compreendida não só como deslocamento humano, mas também como irradiação geográfica de um sistema econômico, que no passado atendia à reprodução de forças de trabalho nas propriedades rurais e no século XXI atende a empresas nacionais e transnacionais. E, complementa-se, destacando os contrafluxos desses processos.

Bryan Zelmar Sempertegui Rodas, José Renato de Campos Araújo e Paula Vitória Pereira (2019) enfatizam que, há muito, as questões migratórias brasileiras deixaram de estar na prioridade de políticas públicas.

O que ocorre, segundo os autores, são ações estatais, por não haver uma ordenação e uma sistematização de trabalhos constantes visando as questões migratórias (internas e externas). Refletem ainda que, tanto em uma questão interna, quanto externa, o estado de São Paulo, permanece sendo o maior acolhedor entre as 27 unidades federativas do País.

As territorialidades migrantes na cidade de São Paulo são historicamente datadas, com seus bairros e localidades ao longo da sua história sendo apropriados por diferentes populações migrantes, como é o caso da região central da cidade onde encontram-se os bairros do Brás, Bom Retiro, Bela Vista, Pari e entre outros. Tal processo de ocupação seguiu as transformações econômicas e urbanas da cidade. Nota-se, entretanto, que a falta de políticas públicas habitacionais e de fixação de migrantes nas cidades contribuiu para a construção desordenada destas territorialidades. (ARAÚJO; PEREIRA; RODAS, 2019, p. 8)

Rodrigo Coelho de Carvalho (2019) refletia, meses antes do período pandêmico, que já havia desconcentração das migrações, com aumento de fluxos de centros urbanos posicionados sobre centros de menor ordem, sendo que havia um processo de concentração populacional em cidades de tamanho maior, mas não no nível mais alto da hierarquia urbana – o que sugere a inflexão das tendências históricas de metropolização no Brasil. “A crescente importância das ‘Capitais Regionais, o segundo nível mais alto, sugere um processo de reestruturação e descompressão relativa do sistema urbano, embora o ritmo dessas mudanças esteja desacelerando” (CARVALHO, 2019, p. 1).

Com a pandemia notou-se que essas diferenças afloraram. Em um primeiro momento com a importação dos casos advindo notadamente de turistas (não migrantes) que vieram de várias partes do Mundo, sobretudo da Europa, em fluxo normal de viagens. Depois, sem querer, repassaram para seus funcionários e amigos, que contaminaram para vizinhos e parentes, criando-se o círculo perfeito do que os epidemiologistas chamam de transmissão comunitária (ou autóctone) da pandemia.

Depois de 11 de março de 2020 tudo mudou e promoveria muito mais transformações em todos os estratos sociais. A OMS (WHO, 2020) declarava oficialmente o status pandêmico da COVID-19. À época o Brasil já apresentava seus primeiros casos suspeitos da doença e não sonhava em ser um dos campeões mundiais de casos e falecimentos. Precisávamos, coletivamente, mudar hábitos e tomar atitudes.

A contenção se concentra em isolar os grupos de risco (principalmente os idosos) e detectar os casos sintomáticos. Por outro lado, a estratégia de supressão ou populacional exige, além da contenção, o afastamento físico, mal denominado de distanciamento social, de cerca de 1.8 metros (2 pés) nos contatos pessoais, a detecção dos portadores assintomáticos do vírus e a quarentena de quase toda a população por um tempo suficiente para achatar a curva transmissão do vírus. São na verdade

duas faces da mesma moeda e não estratégias opostas. (SIQUEIRA, 2020, p. 3)

A pandemia se espalhou. Inicialmente atingindo os mais abastados, logo proliferou-se entre os mais pobres, socialmente vulneráveis e com maior possibilidade de adquirir comorbidades devido suas situações precárias de moradia e alimentação.

Se levarmos em conta de quem é atingido pela pandemia temos o emblemático levantamento feito no estado do Ceará, vizinho ao Piauí, e que tem uma forte representação regional por estar interligado a boa parte das unidades federativas do Nordeste. A capital cearense, Fortaleza, é um dos maiores centros da pandemia do País. Samuel Costa *et al* (2020, p. 1575) destacam que, em termos de gênero, havia um risco de contaminação maior pelo gênero masculino devido o não interesse de realização voluntária da quarentena. Em termos de idade, pessoas com 80 anos, ou mais, realizam mais a quarentena devido ao fluxo de pessoas em suas casas. O mesmo levantamento também destaca que pessoas com ensino fundamental se percebem com menor risco de contaminação que aqueles com maior grau de escolaridade. Os de menor escolaridade também são os que fizeram menor quarentena. Sobre os sertanejos, residentes no interior cearense, a pesquisa também destacou que foram os que têm menos contato com a testagem e também os que menos têm contato com pessoas que testaram positivo, ao mesmo tempo, é essa população a que está mais reclusa. “É possível concluir que a abordagem frente à pandemia de COVID-19 varia de acordo com aspectos sociais, como gênero, idade, escolaridade e local de residência, assim como o sistema de crenças da população do estado” (COSTA *et al*, 2020, p. 1575).

Muitos migrantes, alguns com décadas de residência nos grandes centros, tiveram de regressar para suas terras natais. Perderam empregos. A pandemia os cercava nos antigos oásis de oportunidades. Milhares adotaram a estratégia de voltar ou passar um tempo nos seus torrões natais. Teriam a certeza de acolhimento por seus parentes e amigos. Um fenômeno de contra-migração foi registrado, a maneira como regressaram ao Sertão: de ônibus. A maioria não pôde voltar de avião, com passagens proibitivas em tempos pandêmicos. Quase todos viajaram em ônibus que circularam de maneira clandestina, já que não se podia mais transitar em veículos autorizados. Resultado? Uma leva de migrantes regressando e, pior, a discriminação. É a saga da volta dos que foram.

2 – E como falaram webjornalisticamente da pandemia e dos migrantes no Sertão do Piauí

Segundo a SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (2020), o Semiárido Brasileiro (ou Sertão) é composto por 1.262 municípios dos estados nordestinos de: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe; bem como parte do Norte de Minas Gerais (que fica no Sudeste). O Sertão comporta 22,66% do total dos 5.570 municípios brasileiros.

Essa delimitação é o que há de mais contemporâneo em termos de questões geográficas no Brasil. Data do final de 2017, destacando que o Semiárido abrange municípios daqueles estados que tenham: precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm; índice de Aridez de *Thornthwaite* (cálculo da diferença entre a quantidade de chuva e a perda de água do sistema, ou seja, a evapotranspiração) igual ou inferior a 0,50; percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano. O Piauí, segundo a SUDENE (2019), tem 186, dos 224 municípios, na região do Semiárido. Ou seja, 83,03% da quantidade das cidades e mais de 90% da população piauiense está nesta parte do País.

Apesar do Sertão do Piauí ter uma extensão territorial maior que muitas nações do Mundo, midiaticamente o estado é coberto apenas por dois jornais impressos diários (que não circulam aos domingos): Meio Norte e O Dia, com abrangência praticamente só na capital, Teresina. No Piauí existem somente 12 emissoras de TV. E no Sertão há menos de 200 rádios funcionando, entre comerciais, educativas e comunitárias. Ao menos 45% dos municípios sertanejos piauienses não têm nenhuma mídia eletrônica em suas sedes.

Os meios de comunicação que estão mais capilarizados no Sertão do Piauí são as rádios comunitárias, presentes e atuantes em, pelo menos 50% dos municípios, trazendo informações dos bairros, das cidades e dos entornos geográficos, principalmente mesclando o entretenimento (prioritariamente, salvo raras exceções) e a informação.

Os meios eminentemente jornalísticos do Sertão piauiense, apesar do paradoxo do acesso à informação eletrônica, terminam sendo os interligados pela Internet, capitaneados pelo webjornalismo. Dado a imediatividade de circulação de informações, da atual cobertura de telefonia móvel em todas as sedes municipais e em centenas de zonas rurais, bem como do acesso mais fácil de mais de 80% da população sertaneja ao celular, as informações webjornalísticas têm ganho espaço entre os que estão conectados.

As informações webjornalísticas chegam àqueles que não têm acesso à Rede Mundial de Computadores por meio inicial de compartilhamento de notícias pelo aplicativo de troca de mensagens *Whatsapp*, às vezes pelas emissoras de rádio, e, para os mais excluídos, por meio da interpretação e leitura dos fatos feito por meio do boca-a-boca dos inicialmente informados. É fato que uma das grandes representatividades comunicacionais do século XXI no Sertão foi o aumento de sua possibilidade de conectividade.

Para fins metodológicos e entendimento do fenômeno retratado destaca-se a cobertura webjornalística dos meios de comunicação online do Sertão do Piauí. O recorte analítico foi realizado entre 1º de janeiro e 10 de maio de 2020 acerca de como foi noticiado o processo de contra-migração dos que fugiam da COVID-19 das regiões Sudeste e Centro-Oeste rumo ao Sertão do Piauí. Após a feitura de leituras e entendimento sobre questões migratórias e lincagens com efeitos da pandemia, partiu-se para o estudo de caso.

Em um mês de análise desse período (concentrado entre 20 de abril e 10 de maio), concomitantemente com os dados de janeiro, fevereiro, março e abril (primeiro quadrimestre de 2020), isolou-se o fenômeno, principalmente procurando entender quais são os sites webjornalísticos do Sertão piauiense que trataram do caso. Em outro estudo de nossa autoria chegamos ao número de 192 sites webjornalísticos, que têm atualização constante, que se consideram noticiosos na Internet e sediados em cidades piauienses do Semiárido.

Por meio de cruzamento virtual de termos no mecanismo de buscas Google (2020), utilizando esses 192 sites jornalísticos em questão e cruzando com planilhas de busca de elementos como “migração”, “migrante”, “retorno”, “fuga”, “vinda”, “ônibus”, “clandestino”, “barreira”, “fiscalização”, com os nomes dos sites e das cidades do Sertão do Piauí chegou-se a um montante de 12.127 apresentações de materiais no mecanismo de busca, sendo que notícias realmente interessantes ao fenômeno chegou-se a quantidade de 396. A maioria, frise-se, atingindo quase 82% (322 no total) das matérias encontradas, eram reproduções de outros sites jornalísticos.

Os sites mais presentes na amostra foram os da capital do estado e os das regiões de divisa com o Ceará, Pernambuco e a Bahia. Havia muitas notícias do Maranhão, o vizinho de maior divisa, mas relacionado às questões pandêmicas em si e de trânsito de pessoas. O assunto migração se tornou mais presente em termos

webjornalísticos nos sites das regiões de São Raimundo Nonato e de Picos. As consequências principais dessa cobertura é o que veremos a seguir, notadamente, as questões nefastas.

3 – A tríplice discriminação, inclusive midiática, dos migrantes da pandemia

Mediante o que foi exposto e destacado nos números do estudo de caso e do levantamento sistematizado apresentado no capítulo anterior, vemos que há uma tríplice discriminação dos migrantes que vêm dos grandes centros do Sudeste e do Centro-Oeste do País para o Sertão piauiense em tempos de pandemia.

Os ânimos e discriminações se tornaram piores, aumentando a cada semana, notadamente a partir dos primeiros dias de abril de 2020. À medida que os casos de pessoas contaminadas com COVID-19 iam se confirmando no Sertão piauiense, havia uma espetacularização dos fatos e coberturas sobre os migrantes que retornavam ao estado, bem ao estilo que Guy Debord (1997) já chamava décadas antes de Sociedade do Espetáculo.

Na maioria dos casos estudados, já analisando o conteúdo dos materiais (BARDIN, 2011) e os termos já citados, houve um abandono crasso das técnicas jornalísticas, deixando de lado a importância e poder da apuração e de promover, no mínimo, vozes dos lados retratados no material jornalístico, como eternizou Nilson Lage (2008; 2012) sobre o básico do que é uma apuração jornalística.

O que se viu é mais uma prova preocupante de que não adianta termos centenas de meios de comunicação se os mesmos sequer conseguem promover o básico, informar corretamente. No que foi estudado viu-se matérias balizadas em uma única fonte, geralmente prefeituras, a Polícia Militar do Piauí, a Polícia Civil do Piauí, a Polícia Rodoviária Federal e a Agência Nacional de Transportes Terrestres, todos órgãos públicos que não têm uma vocação natural de função principal jornalística.

Ricardo Fotios (2019), comandante de uma das maiores redações webjornalísticas do Mundo, reflete que técnicas jornalísticas clássicas favorecem a otimização para as ferramentas de busca e, conseqüentemente, um melhor trabalho de jornalismo pela Internet, eximindo a mediação informacional de atos, inclusive, discriminatórios.

Essas discriminações, relatadas acerca do objeto de estudo dos migrantes da pandemia que rumam ao Sertão do Piauí, ocorrem por motivos de: primeiro, serem rejeitados nos locais que escolheram para emigrar (notadamente em São Paulo, Rio de

Janeiro e Distrito Federal – locais atingidos massivamente pela pandemia), pois, em sua grande maioria, devido a crise econômica que veio a reboque da COVID-19, tiveram de sair de suas casas às pressas; segundo, bem como foram mal recebidos em suas terras, historicamente bem receptivas pela alegria de ter seus filhos de volta; e, terceiro notadamente, pela mídia, devido a maneira com que esses migrantes retornaram: em ônibus clandestinos, em massa, e responsabilizados por trazerem a doença para lugares que antes não existia.

Ainda não há uma prova concreta de que realmente foi o fluxo de migrantes, e não de turistas, como em outras partes do País, responsáveis por disseminar a pandemia pelo Sertão do Piauí. Até o meio de maio de 2020 (marco temporal de conclusão deste artigo) a preocupação estatal era muito mais de tratar os doentes, incentivar, inclusive midiaticamente o isolamento social, e evitar que o Piauí se tornasse tão caótico em número de casos e mortes quanto os vizinhos Maranhão, Ceará e Pernambuco.

A cobertura webjornalística no estado sobre os migrantes da pandemia intensificou-se a partir da segunda semana de abril. Dezenas de matérias sobre apreensões de ônibus clandestinos estamparam manchetes dos sites e foram plenamente repercutidas em grupos de *Whatsapp* a cada dia. “Chegavam os ônibus da pandemia” ou os “ônibus da morte”, destacavam várias mensagens, em letras garrafais, em grupos do compartilhamento de mensagens instantâneas, quase sempre com links das matérias dos sites sobre os fatos das vindas das pessoas que estavam se deslocando do Sudeste e Centro-Oeste para a região sertaneja piauiense.

“Passageiros de ônibus que saíram de São Paulo ficam retidos na rodoviária de São Raimundo Nonato”, estampava em manchete o site G1 Piauí². A mesma notícia, com informações de um ônibus fabricado na década de 1990, com péssimas condições de uso, foi noticiado nos principais sites estaduais e regionais. As notícias falavam do amedrontamento da população local sobre os 30 passageiros trazidos no veículo coletivo.

Dias antes o mesmo G1 Piauí, novamente acompanhado por duas dezenas de sites webjornalísticos do estado, trouxe a manchete “PM apreende três ônibus clandestinos com mais de 100 passageiros no Sul do Piauí”³. Novamente expunha a vinda dos migrantes, espetacularizando a ação policial. “Mais um ônibus clandestino vindo de

²<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/04/28/passageiros-de-onibus-que-sairam-de-sao-paulo-ficam-retidos-em-rodoviaria-de-sao-raimundo-nonato.ghtml>

³ <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/04/14/pm-apreende-tres-onibus-clandestinos-com-mais-de-100-passageiros-no-sul-do-piaui.ghtml>

SP é apreendido no Sul do Piauí”⁴, trazia o site 180graus com matéria mostrando fotos de policiais militares que apreenderam ônibus com migrantes. Novamente, nada de barreira sanitária ou reflexão da pandemia.

“Ônibus clandestinos são apreendidos trazendo 122 passageiros de SP ao PI”⁵, trazia o Portal O Dia, destacando que a operação foi da Vigilância Sanitária para combater os ônibus que transitavam no período da pandemia, mesmo com as proibições do Governo do Estado para esse tipo de atividade. O mesmo material jornalístico apresentado anteriormente veiculou informações de que até 14 de abril já tinham sido apreendidos no território piauiense 19 veículos clandestinos de transporte de passageiros vindos das regiões mais pandêmicas. O site Cidades em Foco estampava “Piauí: Barreira apreende ônibus clandestino com passageiros vindo de São Paulo”⁶, trazendo o resultado de uma ação epidemiológica e mais uma apreensão de ônibus com migrantes, dessa vez em uma rota alternativa, já que a fiscalização, desde o início de maio, já estava mais rigorosa e já eram realidade as barreiras sanitárias. Dessa vez começando a fazer acolhimento dos migrantes e dando informações sobre os procedimentos que deveriam ser feitos caso sentissem algum sintoma da doença. Dias depois, o site GP1, também mancheteava: “ANTT apreende dois ônibus clandestinos vindos de São Paulo na BR 343”⁷.

Em todos os exemplos webjornalísticos citados, bem como todo o corpus de análise de conteúdo, não houve a oitiva de nenhum dos passageiros, motoristas ou responsáveis pelas empresas. O máximo que foi informado é que algumas companhias que tiveram veículos apreendidos providenciaram novo transporte para os passageiros. Pouco foi refletido em todo o material analisado sobre as questões das consequências, de possível monitoramento dos passageiros, bem como um plano de contingenciamento da situação e de acolhimento dos migrantes.

De antemão não há, cientificamente, uma prova de que os casos que ocorreram nas cidades do Sertão do Piauí, e provavelmente em boa parte do Sertão do Nordeste do Brasil, foram trazidos por migrantes. É fato que o não isolamento social de boa parte

⁴ <https://180graus.com/sao-raimundo-nonato/mais-um-onibus-clandestino-vindo-de-sp-e-apreendido-no-sul-do-piaui>

⁵ <https://www.portalodia.com/noticias/piaui/onibus-clandestinos-sao-apreendidos-trazendo-122-passageiros-de-sp-o-pi-376124.html>

⁶ <https://www.cidadesemfoco.com/piaui-barreira-apreende-onibus-clandestino-com-passageiros-vindo-de-sao-paulo/>

⁷ <https://www.gp1.com.br/noticias/antt-apreende-dois-onibus-clandestinos-vindos-de-sao-paulo-na-br-343-475558.html>

desses municípios contribuiu gigantescamente para a propagação da doença nessa parte do País.

É mais fato que a cobertura midiática, ao menos entre os meios estudados, se deu muito mais em condenar a presença dos migrantes, que refletir propriamente dito sobre as próprias questões dos isolamentos sociais.

O que podemos aferir, refletir e analisar sobre tudo isso? Vejamos!

Considerações

Muitos tiveram a liberdade de regressar às terras natais do Sertão Nordeste no ano de 2020, em especial o Piauí. Mas essas voltas não foram cercadas da tradicional cordialidade das cidades sertanejas. No período de pandemia da COVID-19 encontrou-se a mesma frieza tão característica dos períodos do outono e inverno no Centro-Oeste e no Sudeste. Dessa vez não era o tempo frio, mas a desconfiança, o preconceito e, principalmente, o terror midiático, sendo potencializado por notícias falsas e exageradas.

Até o final de 2019 o fluxo de idas e vindas, principalmente a passeio, era mais que comum entre os migrantes dessas regiões. A maioria deles fazia o caminho de maneira anual, principalmente no período das festividades religiosas das cidades sertanejas, nas férias escolares ou nas comemorações natalinas e de Réveillon.

Muitos desses migrantes-turistas utilizavam o transporte aéreo, uma modernidade que quase a totalidade de seus pais e avós não tiveram a chance de experimentar. Ao menos metade dos vôos para as cidades sertanejas nordestinas de Teresina (PI), Juazeiro do Norte (CE) e Petrolina (PE), que contabilizam quase duas dezenas de pousos e decolagens por dia, eram de filhos da migração ou de migrantes em momentos de férias ou de temporadas nas casas de parentes. O transporte rodoviário para essa região perdeu grande fluxo ao ponto da histórica empresa Itapemirim, uma gigante da representação rodoviária do transporte Nordeste – Sudeste, levando sonhos de migrantes entre os anos 1970 a 2000, ser uma companhia atualmente à beira da falência.

Já era fato, há muitos anos, da realidade do transporte rodoviário clandestino. Têm passagens mais baratas, devido os veículos utilizados (quase sempre com duas ou três décadas de uso) e prestadores de serviço em início de carreira ou em jornadas que ultrapassam uma viagem de ida e volta para o Sudeste em uma única semana, além de quase sempre serem operados pelos próprios donos ou familiares. Os menos abastados permaneciam usando esse tipo de transporte rodoviário desde o início do século XXI. Mas

com a pandemia o fluxo dos, webjornalisticamente chamados de clandestinos ou usuários dos “ônibus da morte”, quadruplicaram, ao menos no Sertão do Piauí. Foram os transportes das pessoas e dos sonhos de volta para casa. Por isso tornaram-se o símbolo da migração da pandemia.

Nota-se, e prova-se, ao menos no recorte para esta pesquisa, que a cobertura midiática potencializou consideravelmente essa mudança de paradigmas. Já não bastava que a maioria dos migrantes regressou de maneira emergencial, notadamente fugindo dos altos casos de transmissão da COVID-19, bem como de terem perdido seus tão sonhados empregos e muitas vezes deixando de lado os sonhos de anos de luta e construção.

Famílias inteiras regressaram. Depois de terem escapado dos momentos hostis, alimentados pela cobertura webjornalística, viverão, em suas terras ou lugares dos parentes, primeiro o enfrentamento das quarentenas, do isolamento social e, mais para frente, as consequências econômicas trazidas pela pandemia, notadamente em terras que quase sempre nunca representaram o eldorado econômico.

Mas nem só de escárnio vivem os migrantes. Na cidade de São Raimundo Nonato (a 522 quilômetros ao Sul de Teresina e um dos principais municípios do Sertão do Piauí) professores e estudantes da Univasf – Universidade Federal do Vale do São Francisco – criaram um protocolo de acolhimento e higiene para os migrantes vindos nos ônibus clandestinos do Sudeste e Centro-Oeste do País. Entre as atitudes estavam a proteção de quem os iria recepcionar, bem como higienização dos veículos, notadamente motos (os mais comuns no Sertão piauiense), utilização de proteção individual, de limpeza das roupas, da vivência de quarentena e também de como se portar sobre possíveis atitudes discriminatórias advindas de pessoas das cercanias.

Na Universidade Estadual do Piauí – alunos e professores criaram uma rede de acolhimento virtual aos profissionais que estão na linha de frente ao COVID-19, *Instagram @piaisemcovid*, pois se podemos cuidar de quem cuida, esses que cuidam podem atuar melhor, mais irmanados e sem tantos estresses de tantas pandemias.

O que será desses migrantes? O que representarão de perdas econômicas para os centros que um dia os acolheram? Como serão, notadamente seus descendentes, muitas vezes nascidos e acostumados com o Sudeste e o Centro-Oeste? Estes são apenas um dos tantos traumas gerados por um momento e pelas consequências do já apelidado “novo normal”. Que novo será este? Vivamos para ver. Enquanto isso, fiquemos em casa e vamos nos precaver.

Referências

AGUIAR, Frank. **Lamento de um nordestino**. Disponível em: <<http://www.letras.mus.br/frank-aguiar/lamento-de-um-sertanejo>>. Acesso em: 01 de mai. 2020.

ARAÚJO, José Renato de Campos; PEREIRA, Paula Vitória; RODAS, Bryan Zelmar Sempertegui Rodas. **Ações Estatais ou Políticas Públicas? Fronteiras, Fluxos Migratórios e Política Migratória**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Revista Franco Brasileira de Geografia, n.39, 2019, pp. 1-17.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CARVALHO, Rodrigo Coelho de. **Os fluxos migratórios entre os níveis da hierarquia urbana brasileira no período 1980-2010**. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Estudos de População, n.36, 2019, pp. 1-19.

COSTA, Samuel Carvalho; CRUZ, Igor Demes da; DIAS, Aldo Angelim; LIMA, Danilo Lopes Ferreira; NERI, Giovanna Rabelo; NORONHA, Flávia Maria; RABELO, Renata Saboia. **COVID-19 no estado do Ceará, Brasil: comportamentos e crenças na chegada da pandemia**. Rio de Janeiro: Revista Ciência & Saúde Coletiva, v.25, n.5, 2020, pp. 1575-1586.

CRODA, Julio Henrique Rosa; GARCIA, Leila Posenato. **Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19**. Brasília: Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 29, n. 1, 2020, pp. 01-02.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOTIOS, Ricardo. **Técnicas jornalísticas clássicas favorecem otimização para ferramentas de busca**. Observatório da Imprensa, Ano 20, n. 1087. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/mundo-digital/tecnicas-jornalisticas-classicas-favorecem-otimizacao-para-ferramentas-de-busca/>>. Acesso em: 06 de mai. 2020.

GOOGLE. **Buscas de termos da pesquisa como: “migração”, “migrante”, “retorno”, “fuga”, “vinda”, “ônibus”, “clandestino”, “barreira”, “fiscalização”**. Disponível em: <<https://www.google.com.br>>. Acessos simultâneos e feitos entre 1 de jan.2020 a 10 de mai. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Deslocamentos populacionais do Brasil do Censo de 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/default_reflexoes.shtm>. Acesso em: 03 de mai. 2020.

KOPMANS, Marion; MUNSTER, Vicent J.; VAN DOREMALEN, Neeltje; VAN RIEL, Debby. **A novel coronavirus emerging in China – key questions for impact**

assessment. Massachusets: The New England Journal of Medicine, ed. 382, n. 8, 2020, pp. 692-694.

LAGE, Nilson. **A reportagem** – teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Linguagem jornalística.** São Paulo: Ática, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Pólen, 2019.

SIQUEIRA, Carlos Alberto. **COVID sobe pelo elevador, resposta vai pela escada: a escalada do COVID-19 nos Estados Unidos da América.** Brasília: Revista Comunicação em Ciências da Saúde, n. 31 (suppl.1), 2020, pp. 01-07.

SUDENE – SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. **Delimitação do Semiárido.** Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br/delimitacao-do-semiarido>>. Acesso em: 04 de mai. 2020.

_____. **Nova delimitação do Semiárido do Piauí.** Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br/images/arquivos/semiarido/arquivos/piaui-delimitacao-semiarido-dezembro2017.jpeg>>. Acesso em: 29 de dez. 2019.

TEIXEIRA, Mylene Nogueira. **O sertão semiárido. Uma relação de sociedade e natureza numa dinâmica de organização social do espaço.** Brasília: Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 3, set-dez, 2016, pp. 769-797.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **COVID-19.** Disponível em: <<http://www.who.int/portuguese/countries/bra/en/>>. Acesso em: 07 de mai. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso** – planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.